

A PESTE NA HISTÓRIA: ENFIM UMA SÍNTESE ATUAL!

VICTOR DEODATO DA SILVA

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Há muito vinha se fazendo sentir a necessidade de uma obra de síntese sobre a peste (1), tal o volume de estudos parciais sobre o problema, e nós mesmos escrevemos recentemente, em trabalho dedicado a aspectos da célebre Peste Negra de 1348 (2):

“Recentemente, tivemos a publicação de dois livros com caráter de síntese: ZIEGLER, *The Black Death*, New York, 1969 (3) e DEAUX, *The Black Death*, N. York, 1969 (4), mas ambos se constituem em obras de diletantes e não no melhor sentido do termo. Apesar de uma excessiva ênfase no pitoresco e de não raros erros (por exemplo, ao estabelecer conexões entre os Flagelantes do continente e os *Lollards* da Inglaterra, quando esta última seita somente se constituiu cerca de um quarto de século depois da Peste Negra de 1348), o livro de ZIEGLER, bem escorado bibliograficamente, ainda pode ser levado em conta, mas a obra de DEAUX positivamente não nos parece reunir condições mínimas para tanto, não obstante a propriedade eventual de determinadas passagens”.

(1). — Anteriormente, a obra de síntese mais recente era a de G. C. COULTON, *The Black Death*, Londres, 1928.

(2). — Victor DEODATO DA SILVA, *A legislação econômica e social consecutiva à Peste Negra de 1348 e sua significação no contexto do fim da Idade Média*, São Paulo, Col. “Revista de História”, páginas 9-10, 1976, e com partes publicadas na *Revista de História*, com a passagem referida encontrando-se no nº 95, página 61.

(3). — ZIEGLER (Philip). — *The Black Death*. Nova York, The John Day Company, 1969. 319 páginas, “in-8º” (14 x 22 cm).

(4). — DEAUX (George). — *The Black Death 1347*. Col. “Turning Points in History”. Nova York, Weybright and Talley, 1969. X + 230 páginas “in-8º”, com 12 ilustrações fora do texto (14 x 22 cm).

Nada temos a acrescentar em relação às obras objeto do comentário supra, dos quais o máximo que se pode dizer de positivo é de que elas constituíram um signo precursor do livro de J.-N. BIRABEN (5), o qual, sem dúvida representa a síntese atualizada — e tão desejada — sobre a Peste Negra. Com a publicação deste primeiro volume começa a ser (muito eficientemente) sanada uma lacuna já há algum tempo sentida nos meios universitários.

Se o Autor tivesse se limitado a tratar da “clássica” epidemia de 1348 já o seu esforço teria feito jús a grandes encômios, mas, ao esmiuçar, como o faz, todas as manifestações de peste bubônica historicamente conhecidas, um tão hercúleo labor não pode deixar de suscitar uma enorme admiração, não isenta de uma forte dose de espanto. A expectativa pela publicação do segundo volume inibe uma avaliação definitiva, mas, suspeitamos estar na presença um marco deveras significativo da historiografia dos tempos recentes e que, mesmo para quem já se debruçou detidamente sobre o tema, como é o nosso caso, se constitui não apenas num manancial de informações novas, mas também num fator de alteração considerável da visão de conjunto do problema. Por outro lado, apesar de o livro se alongar sobre sobre manifestações pestíferas situadas fora da esfera com que estamos familiarizados, a de 1348 e reincidências, não nos omitiremos de uma crítica pormenorizada, pelo que não apenas procuraremos dar uma idéia do conteúdo deste primeiro volume, mas também destacaremos pontos que nos chamaram a atenção. Embora venhamos a fazer alguns reparos, é óbvio, face ao que já foi dito, que eles em nada comprometem o valor da obra, inclusive por que a consistência de conteúdo importa muito mais do que uma pretensa (e geralmente inatingível) perfeição formal.

Este primeiro volume é composto de quatro capítulos de extensão assaz variável em que são abordados sucessivamente os aspectos médicos e epidemiológicos atuais da Peste, o histórico das epidemias, uma crítica dos fatores comumente alegados e as repercussões demográficas das epidemias, ficando reservado para o anunciado segundo volume o exame das reações humanas, em suas múltiplas manifestações, diante das eclosões do mal. O primeiro capítulo, baseado em pesquisas médicas recentes e específicas, situa-se numa linha diversa daquela a que os trabalhos médicos de caráter de divulgação — os mais usados pelos historiadores mais recentes — nos acostumaram,

(5). — BIRABEN (Jean-Noël). — *Les hommes et la peste en France et dans les pays européens et méditerranéens*. Tomo I: La peste dans l'histoire. École des Hautes Études en Sciences Sociales. Centre de Recherches Historiques. Série “Civilisations et Sociétés”, Vol. 35. Paris-Haia, Mouton, 1976. 456 páginas “in-8º” (16 x 24 cm), com numerosos mapas, gráficos e quadros estatísticos no texto.

o que não deixa de redundar em problemas de apreensão, visto que nem sempre o Autor se dá ao trabalho de esclarecer os conceitos usados, os quais, mui compreensivelmente, nem sempre são devidamente dominados por estudiosos de História. Assim, às páginas 8-9 encontramos uma passagem característica a esse respeito:

“On a longtemps cru que certains germes: streptocoques, pneumocoques, etc., présentaient une action antagoniste vis-à-vis du bacille pesteux, c'est-à-dire que leur développement arrêtaient celui de *Yersinia pestis*, ce phénomène est bien réel *in vitro*, mais il semble que les observations *in vivo* faites à ce sujet provenaient peut-être, là encore, d'une illusion, car la disparition du bacille pesteux précède probablement la surinfection et celle-ci ne serait alors qu'un épiphénomène et non la cause de cette disparition. Aujourd'hui extrêmement rare, cette surinfection était autrefois très fréquent, elle était même recherchée et provoquée par les chirurgiens-barbiers qui y voyaient un signe favorable pour la guérison de leurs patients”.

Se a caracterização da “sobre-infecção” (o termo super-infecção poderia dar margem a mal-entendidos) é insuficiente, a parte final do período constitui-se, ao menos para este resenhador, num enigma. Visto ser indiscutível que desconhecia-se o próprio conceito de infecção, como podiam os cirurgiões-barbeiros provocar *deliberadamente* uma nova infecção? Como o conjunto da obra não autoriza a probabilidade de uma elocubração fantasiosa da parte do Autor (em outro contexto essa poderia bem se constituir na primeira hipótese a ocorrer ao leitor), a suposição de insuficiência de esclarecimento se impõe. Como essa tendência está presente em todo o primeiro capítulo, que já pela suas reduzida extensão (apenas 15 páginas) sugere uma preocupação em comprimir ao máximo o conteúdo, o resultado é o de que a leitura do mesmo seja um tanto intrincada e de proveito duvidoso, mas não obstante freqüentemente sugestiva (por exemplo, quando se indica, às páginas 19-20, que o *Yersinia Pseudotuberculosis*, bacilo aparentemente fruto de mutação do *Yersinia Pestis*, germe clássico da peste bubônica, é o provável instrumento da atual fase de relativa imunização, que poderá se alterar no futuro...).

Menos problemático se apresenta o capítulo seguinte, consistente das manifestações epidêmicas de peste bubônica historicamente documentadas. Embora o Autor reconheça que certos textos médicos antigos denotem um indiscutível conhecimento da moléstia, omite-se de tratar detalhadamente das epidemias da Antigüidade, alegando estarem mal caracterizadas como bubônicas, detendo-se na chamada “Peste de Justiniano” (páginas 25 a 48). Tanto aqui, quanto no tópico seguinte — dedicado à célebre Peste Negra e suas primeiras re-

caídas — mais do que dados novos, merece destaque a tabulação das informações disponíveis (páginas 48 a 111), acompanhada de observações que nos facultam uma melhor compreensão do mecanismo da ação da peste nos seus desenvolvimentos posteriores. Assim, embora sabedores das numerosas reincidências da moléstia a partir de 1361 (é curioso que em nenhum passo do trabalho se discuta a alegada maior incidência da doença nesta fase sobre a população infantil, que a levou a ser conhecida como *mortalité des enfanzz*) e de sua ação até o século XVIII, causou-nos impacto ler à página 105:

“Desormais, et jusqu'en 1670, la peste se vira chaque année en Europe, tantôt sur de vastes territoires, tantôt seulement dans quelques localités, mais sans sauter un seul maillon annuel de cette longue et douloureuse chaîne”.

E os dados que o Autor reúne tanto no último capítulo, quanto nos anexos comprovam o bem fundado de sua assertiva! Atribuímos igualmente uma considerável significação à bipartição do mundo ocidental, proposta na página 106, no que diz respeito ao processo de difusão da moléstia:

“En effet, apparue lors de la même pandémie du milieu du 14e. siècle, la peste, qui va sévir pendant un demi-millénaire, semble passer moins aisément de la partie sud-orientale à la partie nord-occidentale et vice versa qu'elle ne circule à l'intérieur de chacune de ces contrées. De plus, son évolution, tant à cause du climat et de la faune locale que des réactions des populations, est très différente dans chaque partie. Enfin, probablement en raison de ces divergences, la peste persiste largement un siècle plus tard dans la région sud-orientale”.

Constata-se, assim, o peso dos fatores geo-culturais relativamente aos avanços e recuos da peste bubônica, fazendo das regiões cristãs e muçulmanas do Ocidente, não obstante sua contigüidade geográfica, algo próximo a compartimentos estanques. O restante do capítulo (páginas 111-129) é dedicado ao exame das tendências daquilo que o Autor chama de “era da peste”, ou seja, o período situado entre a segunda metade do século XIV e o primeiro quartel do século XVIII, com uma classificação, ilustrada por gráficos e quadros estatísticos, das epidemias tanto do ponto de vista de intensidade quanto da área de incidência, omitindo-se a descrição minuciosa das mesmas, nos moldes da dedicada à Peste Negra de 1348, o que poderia se tornar, com efeito, insuportavelmente repetitivo.

No curto capítulo III (páginas 130-154) são examinados os fatores causais comumente evocados, inclusive os apontados pelos sá-

bios da Antigüidade e Idade Média e aquí devemos dizer que nos parece reinar alguma desordem, a par de um certo equívoco. Dizemos desordem porque julgamos pouco lógico que se inicie essa parte com um fator evocado somente a partir do século XIX, a imunidade (e que, além do mais, seria muito mais de cessação do que de incidência do mal), para depois invocar-se aqueles alegados pelos coevos às epidemias medievais, tais como os astrológicos, para depois voltar-se a focalizar fenômenos associados recentemente à moléstia. Também se nos afigura ligeiramente desconcertante que, sendo anunciado um segundo volume dedicado às reações das sociedades que enfrentaram o problema, inclusive suas concepções a respeito da natureza da doença, o Autor se detenha em dados como conjunções de planeta e aparecimento de cometas, que nenhum historiador ou cientista recente tenha levado a sério.

Mas, passemos ao que acima qualificamos como algo equivocado. São passados em revista sucessivamente a imunidade, eclipses, cometas, manchas solares, o clima, as guerras e as penúrias — ilustradas, onde isso é possível, com dados estatísticos e gráficos — e com freqüência nos deparamos com frases tais como (página 139)

“... les guerres sont très souvent invoquées comme un des facteurs les plus importants...”

para depois concluir-se que não há qualquer correspondência paralela entre a intensidade do fator invocado e a respectiva manifestação epidêmica, aliás, nem sempre presente. Pois bem, quando investigamos o assunto, não encontramos, a menos que a memória nos falhe, nenhum autor que estabelecesse uma relação causal entre fenômenos tais como as enchentes ou as penúrias e esta ou aquela eclosão pestífera e, ademais, tal consideração pode também ser estendida aos observadores medievais. Para estes só era concebível uma causa — a vontade de Deus — e cometas, guerras, etc. eram considerados apenas como signos precursores e nada mais. Quanto aos autores recentes, a expressão que melhor traduz sua maneira de encarar fatores tais como os discutidos é “contribuiu para agravar os efeitos da moléstia” e, com isso, entramos num terreno em que tanto a confirmação quanto a infirmação se tornam problemáticas, dado que não se estabelece relação necessária entre as duas ordens de eventos. Quando um historiador atual, por exemplo, sugere que corpos mal nutridos têm sua resistência orgânica reduzida e se tornam mais vulneráveis às infecções, nada mais estão fazendo do que refletir os pontos de vista de médicos, sanitaristas e nutricionistas e o fato de nem sempre a uma grave penúria corresponder como corolário inevitável uma epidemia de peste bubônica violenta em nada compromete o argumento.

Iremos mesmo mais longe. Se o Prof. Biraben está preocupado quase que exclusivamente com a peste, esse nem sempre é o caso dos que dela trataram, sobretudo em época recente, onde ela tende a ser encarada como apenas um componente de um quadro de dificuldades mais amplas, sobretudo no que tange ao fim da Idade Média e, destarte, a sua associação com as penúrias, guerras, etc., menos do que nunca se revestem de quaisquer conexões causais. Se formos, por outro lado, em busca de um fator causal seguro, mui facilmente o encontraremos: a condição básica para que um indivíduo contraia a moléstia, com grave risco de vida, é a de que seu organismo seja atacado pelo *Yersinia Pestis*! Nesse sentido, compreendemos facilmente que o Autor apenas retenha como provável fator decisivo as flutuações cíclicas da peste bubônica entre os roedores, com a ressalva de que medidas tomadas pelos homens possam evitar sua repercussão necessária nas sociedades humanas...

O quarto e último capítulo — e também o mais longo, ocupando mais páginas (155 a 332) que os três que o antecedem somados — surge como bem menos sujeito a polêmicas. Nele são examinados essencialmente os efeitos demográficos das epidemias, ainda que a exposição deles se afaste ao tratar da última grande manifestação do mal, a de 1700 a 1722, que tem um caráter de pequena monografia, análoga à da parte que trata da Peste Negra de 1348 no segundo capítulo, e cobrindo mais de 70 páginas (de números 230 a 306); não sendo desprezado praticamente nenhum aspecto. O Autor divide as epidemias em dois grupos, as muito violentas, com destaque novamente para a de 1348, ainda que desta vez restrita ao desgaste populacional, e as de efeito mínimo, de que dá diversos exemplos, examinando a seguir aspectos demográficos. A tendência geral do capítulo é a de reduzir a proporções modestas os efeitos demográficos e, por exemplo, à página 309 podemos ler:

“... la peste, par ses dévastations périodiques, a pu freiner considérablement, arrêter même momentanément, la croissance de la population, mais a-t-elle pu, à l'échelle d'une région ou d'un pays entier, avoir été à elle seule une cause suffisante pour entraîner, en longue période, une stagnation ou une régression de la population? Cela ne paraît pas impossible aux 14e. et 15e. siècles, mais au moins dans les derniers siècles où elle a sévi il ne le semble pas...”.

À luz da tendência revelada pela maioria esmagadora que trataram de problemas demográficos medievais, a expressão “ne paraît pas impossible” soa excessivamente cautelosa, mas mesmo o “il ne le semble pas” parece assaz duvidoso, quando aplicado ao século

XVII, ao menos em regiões particularmente atingidas pela Guerra dos Trinta Anos. Sempre se pode alegar que, neste caso, a responsabilidade pelos desgastes demográficos não incumbe exclusivamente, e talvez nem mesmo preponderantemente, à peste, mas não vemos como separar os efeitos de um fenómeno dos de outro. Embora admitindo, inclusive à luz de exemplos estatísticos, naturalmente das epidemias mais recentes, as melhor documentadas, os efeitos das epidemias sobre o comportamento demográfico (casamentos, nascimentos, concepções e fertilidade em geral), considera-os o Autor como basicamente transitórios, posição que não vemos como contestar.

A conclusão é um tanto desapontadora e, em lugar de uma síntese dos principais pontos examinados na exposição, temos uma série de informações relativas à incapacidade das sociedades que sofreram as epidemias de identificar no rato e na pulga os veículos da moléstia e que, parece-nos, figurariam melhor no anunciado segundo volume, dedicado à reação dos homens em relação à peste, como já foi dito. Tomamos a liberdade, talvez incorrendo na mesma falha do Autor, de ressaltar as extraordinariamente pitorescas informações aí contidas sobre os processos contra animais. Em nota de rodapé, após assinalar que se as autoridades eclesiásticas estabelecessem qualquer nexó entre a doença e os seus portadores, ratos e pulgas, teriam tomado medidas... judiciárias contra eles, temos (página 334):

“En 1120, par exemple, l'évêque de Laon excommunie tous les insectes de son diocèse; au 15e. et au 16e., les officialités d'Autun, Mâcon, Lyon, Troyes, rendent des arrêts condamnant les rats (mas sem relação com a peste, observação do resenhador), les chenilles, les limaces...”.

De resto, se a conclusão é algo decepcionante, podemos aproveitar o ensejo para frisar que com relação à introdução as coisas ainda se revelam piores pois... ela inexistente. É difícil compreender como uma obra dessa envergadura possa omitir-se de oferecer ao leitor um guia de leitura e consulta, mais necessário do que na média de obras de História. Completam o volume, anexos constituídos por quadros de interesse demográfico e relações de epidemias de peste nas regiões a que alude o título da obra (assaz desajeitado, deselegante mesmo, diga-se de passagem), sendo de se ressaltar o estranho lapso que faz que o anexo 3 (*La peste en Europe et dans les pays méditerranéens de 1346 à 1860*, conforme se lê no índice) se mostre privado de qualquer introdução explicativa (e muito necessária, pois nós mesmos, depois de um detido exame, ficamos em dúvida a respeito da significação de cifras e siglas nele contidas), ao contrário dos demais.

A obra, por conseguinte, não está isenta de imperfeições, nem livre de pontos controversos (mas, poderia ser de outra forma?),

mas isso não compromete sua significação. Depois deste volume, que lidou com dados que podemos considerar como relevando do inconsciente (isto é, os que, por nós reunidos e coordenados, nos fornecem uma visão explicativa de conjunto que contrasta com a total desorientação dos coevos), ficamos na expectativa do segundo que, cremos poder prognosticar, deverá se constituir numa contribuição relevante para a história econômica, social, cultural, dos costumes, da mentalidade, etc.